

BERTRAND, Jean-Pierre; LAURENT, C.; LECLERQ, V. **O mundo da soja**. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, 139p.

A partir dos anos 70, as exportações brasileiras de soja em grão e seus derivados têm crescido substancialmente. Passamos a competir com os Estados Unidos na exportação de vários subprodutos da soja, sobretudo na de farelo e óleo. Esse mundo da soja, do qual o Brasil é uma parte importante, recebe, agora, mais um importante trabalho analítico. A coleção "Problemas contemporâneos", da Editora Hucitec, coordenada por Tamas Szmeccsányi está sendo acrescida com o estudo **O mundo da soja**, de autoria de Bertrand, Laurent & Leclerq. Editado originalmente na França, o livro traz, além da "Introdução" original, uma outra destinada a esta edição brasileira.

O cerne da obra é formado de quatro partes: "A soja na economia mundial"; "Da soja colonial à soja americana"; "A soja e a crise internacional: a desestabilização"; e "O modelo soja: quais suas conseqüências? quais suas alternativas?"

Na primeira parte, os autores apresentam discussões como a transformação e utilização da soja, o mercado mundial, os atores que participam desse mercado e a formação de preços. No que concerne aos atores do mercado mundial da soja, são identificados o consumidor e os criadores de suínos, aves e gado leiteiro (agentes de pouca influência), os produtores, os trituradores, os negociantes internacionais, as bolsas de mercadoria e o Estado – este último tendo papel importante na resolução dos conflitos entre os agentes e na atuação direta da produção, da pesquisa, do comércio, do transporte e do crédito.

Na segunda parte são discutidos temas como a soja e a época colonial, a gênese do complexo americano da soja, a vitoriosa batalha da soja sobre o mercado interno americano, a conquista do mundo pela soja americana e a política dos principais países importadores. Nesta parte do livro, o leitor apreende a formação daquilo que os autores denominam de "complexo americano da soja", criado a partir da reunião de interesses de produtores, industriais, comerciantes e pesquisadores que, de forma organizada, conseguem a proteção do Estado. Da força e dinamicidade desse complexo emerge um "novo modelo de produção e de consumo", cujo motor de impulsão é apontado pelos autores como sendo a acumulação do capital. É essa lógica que se situa por trás da intensificação da criação (de aves, suínos e gado leiteiro), cujo objetivo visível é produzir, a menor custo, os ovos, a carne e o leite de que o consumidor precisa. A outra face dos objetivos da intensificação da criação sustenta-se na sua base científica, apontada pelos autores como a revolução dos métodos da alimentação animal que combinam os diversos nutrientes. A base principal do modelo de abastecimento da criação americana é mostrada como sendo a torta de soja (alimento protéico) associada ao milho (elemento energético).

A terceira parte do livro apresenta considerações sobre a época dos embargos, além de situar os leitores em tópicos como a soja no Brasil, a presença de novos exportadores (Argentina e Paraguai), as novas demandas (leste europeu, China e países em desenvolvimento) e a nova dinâmica da economia internacional das óleo-proteaginosas.

A quarta e última parte prende-se a uma análise sensata do modelo de modernização da agricultura nascido nos Estados Unidos e na Europa, do qual a soja é um dos sustentáculos. Esse modelo, segundo os autores, não apenas cria uma agricultura mo-

derna cercada de setores industriais fornecedores e agrotransformadores como termina por aumentar o número de etapas entre o produtor e o consumidor final. Nessa parte, os autores além de apontarem para os mecanismos da integração do complexo da soja (pesquisa, indústrias, marketing, produtores), conseguem identificar e comentar alguns dos efeitos desestruturadores desse modelo agroindustrial como, por exemplo, o êxodo rural, a concentração da terra, a "favelização" das cidades e a estupração das culturas alimentares.

O livro é de leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam por uma visão crítica da agricultura e do complexo agroindustrial que a caracteriza e a envolve nos seus setores mais modernos.

Ivan Sergio Freire de Sousa  
Técnico do DTT/EMBRAPA

EMMI, Marília Ferreira. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais.** Belém, Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, 1988. 196p. (Coleção Igarapé).

A autora é amazonense, socióloga, mestre em Planejamento do Desenvolvimento, professora de Ciência Política da UFPA e pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA. Possui vários artigos publicados, participou de várias pesquisas desenvolvidas pelo NAEA e atualmente coordena os seguintes projetos: "Estrutura fundiária dos castanhais do Tocantins" e "A Reforma Agrária do polígono castanheiro do Tocantins".

Este livro resulta dos estudos empreendidos pela professora Marília Ferreira Emmi para elaboração de sua dissertação de mestrado, defendida em junho de 1985, em Belém.

"O objetivo principal deste trabalho consistiu em estudar as relações entre a transformação da estrutura fundiária e as mudanças do poder político em Marabá". Para isto, resgata a sua história, em detalhes, apresentando novos dados a sua compreensão. O município teria se originado de um burgo agrícola, constituído em fins do século passado (1895) por adeptos do florianista Carlos Gomes Leitão, após sofrerem derrota em Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis. A luta então deflagrada tinha por razões as divergências políticas surgidas após a Proclamação da República, em 1889, entre os partidários de Floriano Peixoto e os de Deodoro da Fonseca. Instalado o Burgo, com subvenção do Governo do Pará, houve um deslocamento do primeiro local, por "problemas relacionados com a insalubridade do lugar", para área mais propícia. Desde o início, a economia do Burgo e da povoação se baseia na exploração da borracha do caucho, da madeira, da castanha, da atividade agrícola e da criação de gado. Marabá se torna município por lei estadual de nº 1.278 de 27 de fevereiro de 1913.

Uma boa revisão bibliográfica conduz à definição de oligarquia como elemento do poder econômico e político, expresso na região com características próprias, diferenciadas da oligarquia nordestina: "... quando me refiro à oligarquia no Tocantins estou fazendo alusão a grupos constituídos em torno de famílias ou empresas que vêm controlando a atividade econômica principal da área - a coleta e o comércio da casta-